

**A TECNOCULTURA E AS TRANSFORMAÇÕES
NA CRIAÇÃO DE CORPOS POLÍTICOS,
TÉCNICOS E ESTÉTICOS**

—
**TECHNOCULTURE AND THE TRANSFORMATIONS
IN THE CREATION OF POLITICAL,
TECHNICAL AND AESTHETIC BODIES**

João Jerónimo Machadinha Maia
Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX
ORCID: 0000-0002-5392-9636

RESUMO

Os corpos humanos estão a ser influenciados e modelados no cenário da cultura digital pelo fenómeno designado por tecnocultura. O presente trabalho visa discutir as lógicas de poder que estão inerentes a esta realidade, nomeadamente no quadro económico e militar da atual globalização. Numa dimensão política e ética, será também realçada a necessidade de um novo método da teoria da cultura e do desenvolvimento de um segundo plano de discussão sobre este tema que preveja uma dimensão emancipadora.

Palavras-chave: Tecnocultura; Poder; Corpo; Política; Ética.

ABSTRACT

Human bodies are being influenced and modelled in the digital culture scenario by the phenomenon called technoculture. The pres-

ent work aims to discuss the logics of power that are inherent to this reality, namely in the economic and military context of the current globalization. In a political and ethical dimension, the need for a new method of culture theory and the development of a second plan of discussion on this subject that foresees an emancipatory dimension will also be emphasized.

Keywords: Technoculture; Power; Body; Politics; Ethics.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo abordar as transformações que estão a ser operadas pelo fenómeno da tecnocultura na criação e na modelação dos corpos humanos. Na atualidade, o fenómeno da tecnocultura refletindo as relações entre a tecnologia, a cultura e a política, alerta-nos para determinado tipo de dinâmicas que interferem na definição do corpo biopolítico. Concretamente, o biopoder começou por ser constituído por relações e lógicas de poder que Michel Foucault descreveu na sua obra, abordando o surgimento da burguesia como classe social dominante. O corpo biopolítico resulta da aplicação e do impacto do poder político sobre todos os aspetos da vida humana de modo a moldar e a legitimar um determinado modo de vida social (Foucault, 1993). No entanto, nesta linha de pensamento, o biopoder também encontra a sua tradução, em termos de mecanismos de atuação, na especificidade do nosso tempo. Com efeito, no quadro da atual globalização, opera-se uma fusão da cultura digital com a experiência, diluindo determinadas dicotomias com as quais interpretamos e operamos a realidade. Neste fenómeno revelam-se as lógicas da globalização onde há forças de carácter económico e militar que se assumem como dominantes, do ponto de vista cultural, sobre outros elementos que são, por sua vez, ocultados ou reprimidos (Miranda, 2002). Nesta medida, assistimos a uma influência sobre as questões identitárias que se refletem na formatação dos corpos e da

própria sexualidade. É uma realidade que não deixa de ser explorada do ponto de vista industrial, abrindo-se mesmo novas possibilidades de futuro no que respeita à fusão da tecnologia com o organismo humano e ao desenho deste.

Assim, o presente trabalho irá discutir estas questões, através de autores contemporâneos, não deixando de indagar sobre a necessidade de um método da singularidade que faça a reconstituição da unidade da experiência da modernidade e sobre a necessidade de desenvolver um segundo plano de discussão que possibilite lógicas emancipadoras no seio do fenómeno da tecnocultura.

1. A INTEGRAÇÃO DA TECNOLOGIA ATRAVÉS DO DIGITAL

Vivemos hoje uma aceleração da experiência, do movimento e da imagem proporcionada pelas novas tecnologias de informação e de comunicação (TIC). Se é verdade que a cultura e a técnica desde sempre modelaram o corpo humano então as novas TIC vêm impregnar cada vez mais a cultura no corpo. No entanto, o fenómeno da chamada tecnocultura está longe de influenciar de forma neutra o ser humano e a sociedade. Ele obedece a lógicas e a relações de poder que são distintivas do nosso tempo. José Bragança de Miranda (2002) identifica no nosso tempo uma época de liberdade de opções marcada pelo “desejo” e pela singularidade. Trata-se de uma dialética que nos leva numa direção que mal podemos conhecer ou mesmo determinar uma orientação mínima que nos guie. Os abalos sofridos pela modernidade têm vindo a esvaziar as relações existentes, descongelando as figuras em que se cristalizavam (jurídicas, normativas, etc.) e libertando a potência de ligação que lhes estava subjacente.

Para Bragança de Miranda (2002), o “Homo faber” reconstituiu-se hoje através de novas realidades tecnológicas que acentuam a necessidade política de pensar a técnica. Perante um sistema capitalista económico, há toda uma nova série de terminologia sobre o

digital que entra no nosso vocabulário do dia a dia e que, através das suas relações, modela a nossa experiência. Neste caso, o autor não deixa de identificar que, na sua opinião, a técnica, na essência, nada tem de tecnológico. Nos nossos dias, a tecnologia integra-se através do digital e a sua invisibilidade aumenta, fundindo-se com a experiência. A partir do “aparente” e do “aparecer” há uma materialidade em que a experiência se cristaliza, o “real”. Na verdade, há uma irreduzível materialidade do figural. A modernidade como época de constituição está progressivamente a ser submetida a sínteses artificiais da ordem do imaginário pela tecnologia. Deste modo, há um papel constitutivo real que a ideologia tem na existência social. Mas, ao mesmo tempo, está em curso uma imensidade de outras operações como a deslocação, o suplemento, a anamnese ou o retorno do reprimido. O que está em causa é acima de tudo o imaginário e o seu controlo. O controlo do imaginário que tem poder sobre o real.

...constatar que esta própria divisão entre real e ficção, entre possível e existente, é o efeito de uma imposição de uma malha sobre a experiência, que tende a eliminar o «impreciso» em favor do «preciso». A natureza desta malha é simbólica e, ao mesmo tempo, tecnológica (Miranda, 2002, p. 87).

Há uma matriz com os códigos de cultura onde através do simbólico se revela uma linguagem-máquina. O simbólico é, na verdade, uma codificação do real, embora o real seja cancelado por imposição do simbólico, que o recorta, divide e fragmenta, criando um espaço cadastrado e controlável de acordo com os elementos culturais dominantes. Para o autor torna-se imperioso, pensando no destino humano, intervir nas relações, tanto em termos de ligações como desligações, em busca de melhores formas e das melhores ocasiões. O corpo “bem formado” está a ser diretamente trabalhado pela técnica, entendida

num sentido lato, já que a estetização tem diretamente a ver com as ligações, com a criação de corpos políticos, técnicos e estéticos. Temos vindo a assistir a uma erradicação das fronteiras entre a arte e a realidade sendo tudo extremamente estetizado. Mas coloca-se a questão: vale tudo? Na verdade, o corpo tem sido constituído como campo de batalha, sendo o ciberespaço instrumentalizado nessa lógica como espaço de controlo, embora seja dada uma aparência de realidade absoluta (Miranda, 2002).

2. AS IMAGENS MEIOS-FINS E A DERRADEIRA UTOPIA DO CORPO

Quando falamos da técnica falamos da ligação de todas as coisas. Não há ligação sem desligação, para ligar é necessário desligar. A matriz determina as temporizações e os lugares legítimos formatando ainda todos os atos aceitáveis. Chega mesmo a dar a sensação que é na modernidade que a metafísica se concretiza (Miranda, 2002). “O que caracteriza a experiência moderna é o carácter irreduzível do ligar/desligar, tensionalmente co-presentes no próprio «poder constituinte», limitando-se mutuamente” (*ibidem*, p. 136). Certamente que nas lutas em torno das ligações o poder também exerce ocultamentos e repressões das forças culturais minoritárias. A identidade é uma forma de ligação operando na trama de ligações. A eletrónica não faz mais do que abolir a distância entre a ligação e a desligação, havendo intermediações através das palavras, imagens, corpos e objetos. Neste sentido, em termos de exercício de poder, assistimos a um emparelhamento económico ou militar da técnica. Há máquinas que nos ligam ao desejo, ao dinheiro e à violência. Há uma relação política entre o sonhar e o escravo que se traduz numa dimensão fetichista. Neste contexto, para Bragança de Miranda (2002), exige-se uma nova responsabilidade que privilegie as ligações humanas, belas, livres e justas. “Sem mediações, a vida apenas nos mostraria

a sua «face enigmática» que faz com que cada um de nós, sozinhos ou comunidade, nos sintamos joguetes do acaso, do sofrimento, da violência” (*ibidem*, p. 159). A cultura pode ser compreendida como uma resposta a este enigma da vida dando-lhe sentido e apreendendo-a de forma coerente. A imagem é o princípio da coerência, mas as imagens do mundo ainda não têm a força para garantir tal coerência, embora a modernidade tenha a tendência para transformar tudo em imagem. Falamos de imagens como meios-fins onde tudo se torna em meio sem fim. A imagem não deixa de transmitir uma certa efemeridade do corpo e de todas as corporeidades. A modernidade cria automatismos que, por sua vez, levam a ruturas para agir livremente (Miranda, 2002). O mundo é o fantasma (Stirner, cit. in Miranda, 2002), sendo o corpo encarado como a derradeira utopia encarnada em conceitos como *bodybuilders* e *cyborgs*. Isto também reflete a perda da transcendência do impulso utópico, embora haja contaminação em zonas de fronteira da qual resultam estes conceitos híbridos (Miranda, 2002).

Em suma, o corpo tornou-se urgente porque a sua crise implica uma crise de alcances metafísicos absolutos (*ibidem*, p. 183). (...) O híbrido é, antes de mais, o efeito de uma «confusão» de fronteiras e de linhas, que se sustentam do extremar da categoria de corpo. A utopia do «corpo político» da comunidade perfeita, é suportada pelo «corpo utópico» contemporâneo. (*ibidem*, p. 184)

Na atualidade, o corpo torna-se o centro porque se identifica com o próprio mundo. Deste modo, o conceito do “corpo utópico” substitui a ideia da sociedade utópica ou da utopia social. Isto obedece a uma lógica de despolitização da sociedade em que já não se tenta mais pensar esta nos seus fundamentos e na possibilidade de evoluir, quiçá, em relação a uma comunidade mais justa e livre ou até mais próspera para todos.

3. AS LÓGICAS DE GLOBALIZAÇÃO

Neste contexto, chega a haver um caráter alucinatório e psicotrópico da nossa relação com a experiência através da chamada narcose mediática. No entanto, esta alquimia está mais ligada à imagem do que aos fármacos (Miranda, 2002). “Em síntese, o «bloco alucinatório» da contemporaneidade é formado pela química, a imagem e o desejo, desdobrando-se numa infinidade de formas singulares, tão singulares como as imagens do desejo de cada um” (*ibidem*, p. 201). Isto também é possibilitado pelo aparelhamento estético do mundo onde este é transformado em imagem, em aparelho produtor de imagens, que visam um enformar total da matéria numa imagem total e simultaneamente um aparelhamento do sujeito e da sujeição ao nível da afeção. Podemos ver, assim, que a técnica não é neutra. Através destes meios tecnológicos propagam-se injustiças de todo o género legitimando, por exemplo, a dominação das grandes empresas e o intervencionismo militar. Através da natureza do ciberespaço percebemos a forma como a globalização lesa a política e como esta se pode confundir com a técnica obedecendo ao elemento de despolitização da sociedade. Há um mundo criado à própria imagem de determinados grupos e interesses dominantes (Miranda, 2002).

A globalização corresponde, portanto, à projecção de uma «imagem» que procura controlar as forças à solta na Terra, os fluxos desencontrados de objetos, imagens, dinheiro, poder, etc., que põem em crise a estrutura em que se estabilizou a modernidade, nomeadamente o Estado-nação e a sua soberania, o sujeito racional e o seu desejo, a realidade e o seu outro, a ficção (*ibidem*, pp. 212-213).

Este quadro tem sido inclusivamente fundamentado por alguns economistas e autores de referência. É o caso de Joseph Stiglitz,

antigo vice-presidente do Banco Mundial e antigo conselheiro econômico do presidente norte-americano Bill Clinton. Stiglitz tem-se empenhado no estudo dos efeitos da globalização econômica nas sociedades, nomeadamente dos países em vias de desenvolvimento. O autor reconhece que, a partir do Consenso de Washington, houve uma opção muito clara para a implementação de um modelo de desenvolvimento global assente na economia liberal da escola anglo-saxónica. Como instituições basilares deste modelo, que têm afirmado as suas diretrizes, as instituições de Bretton Woods têm aplicado um pragmatismo tecnocrático, que estando longe de salvaguardar os objetivos da liberdade e da coesão social, obedecem essencialmente aos interesses privilegiados do grande capital e da alta finança sem terem em conta as especificidades endógenas das sociedades. São interesses que o autor descreve como capturadores do poder e das instituições políticas (Stiglitz, 2002, 2007). Ora as economias emergentes, uma vez desprotegidas pelos programas de liberalização rápida, têm grandes dificuldades em competir perante o avanço das grandes empresas multinacionais. O seu tecido económico e social, já de si frágil, acaba muitas vezes por se dilacerar dado o poderio da competição externa. Com frequência assistimos, assim, a fenómenos de destruturação social que geram violência e colocam em causa a democracia. O intervencionismo militar externo que muitas vezes ocorre neste tipo de situações, apoiando-se num carácter ideológico liberal, tem como objetivo criar ou repor uma ordem institucional, do ponto de vista político e económico, nos países intervencionados, que corresponda à atual ordem mundial sem que necessariamente garanta a paz duradoura das sociedades (Richmond, 2005).

A tecnocultura como reflexo das relações de poder entre a tecnologia, a cultura e a política também se traduz, numa lógica de biopoder, na legitimação deste modelo de sociedade. No entanto, atendendo à desproporcionalidade das forças que estão em jogo e às injustiças que se geram neste quadro, José Bragança de Miranda (2002) não deixa

de defender que, para o fim da dialética da servidão, é necessário um pensamento à altura do acontecimento decisivo da técnica cujo jogo não temos ainda força para jogar. Nesta medida, a utopia do corpo obedece à tentativa de despolitizar a sociedade e de desviar a reflexão crítica dos fundamentos da própria sociedade.

4. AS RELAÇÕES ENTRE A CULTURA E O CORPO

É possível enunciar outros autores que se têm vindo a pronunciar sobre as relações entre a cultura e o corpo. São autores que não tendo necessariamente posições contraditórias às posições de José Bragança de Miranda dão-nos outras perspetivas sobre a temática em questão. Elizabeth Grosz (2006) salienta que a história da cultura não pode ser concebida como inteiramente separada ou autónoma da natureza. A própria cultura é natureza na medida em que é reconcebida, aberta, evolutiva, produzindo todos os ambientes e todos os corpos que são sustentados nesses mesmos ambientes e por esses mesmos ambientes.

A history of culture *could* be written as the history of the way that humans makes their bodies other and do so – indirectly, through the meandering feedback that action and production impose on and as the nature of bodies (Grosz, 2006, p. 188).

A autora relembra as ideias de André Leroi-Gourhan na referência em que as histórias da natureza e da civilização coincidem na medida em que são ambas uma função dos impulsos corporais, que produzem, e são transformadas por impulsos tecnológicos. A arte e especialmente as artes visuais tornaram-se num meio primário para relações socialmente sancionáveis e culturalmente vinculativas de espetáculo e visualização sexual. Um corpo reproduz-se a si próprio não só biologicamente, mas também através de autorrepresentações e dos rigores da sua prática. A própria arte acaba por ser uma arte

corporal embora possa, em alguns casos, proteger o espetador dos impulsos mais mundanos e venais. Neste caso, a arte acaba por ser um véu de modéstia, não para o modelo ou para o objeto, mas para o espetador. Ainda assim, Grosz (2006) chama a atenção que os corpos da mulher, mesmos os corpos representados das mulheres, não são mais passivos, nem mais exibicionistas, nem mais objetos de consumo do que os corpos dos homens, os corpos dos animais ou os corpos naturais. Ela defende mesmo que, para usar conceções e teorias acerca do corpo, há que repensar o papel do corpo tanto na sua representação como na sua receção:

Developing alternatives – synesthetically cross-mapping the senses onto each other, sensing differently, using the senses in terms of the range and scope of the other senses, exploring how each sense functions or is capable of functioning quite differently from its assumed and normalized role (Grosz, 2006, p. 200).

5. O TECNOFETICHISMO

Se encararmos a influência da cultura num plano amplo, tal como até aqui tem vindo a ser defendido, temos de aceitar uma postura crítica na abordagem do uso e aquisição de instrumentos protéticos, implicando isso com a nossa visão da realidade, como refere a autora Joanne Morra (2006). “Both literal and abstract understandings of prosthesis have enabled a fruitful debate on the questions of subjectivity, epistemology, and ontology” (*ibidem*, p. 266).

Tanto na cultura como na arte, em particular, há narrativas e formas de representação que têm um papel determinante na formação do conteúdo e da estrutura da psique.

In transferring the image, the artist has caused connection, contingency, displacement, and reversal to take place. (...) This

is similar to what Rauschenberg refers to as the “complex interlocking disparate visual facts” of the media image that form the stuff of the “subconscious”, wherein a connection is produced by the conjunction of “disparate” things - “visual facts” (*ibidem*, p. 279).

O próprio Freud referia que a história e o mundo externo também afetam a mente consciente e inconsciente durante este processo de exposição às imagens gráficas. O que artistas mais recentes como Robert Rauschenberg sublinham é que das inscrições resultantes destes processos também se originam formações materiais (Morra, 2006). “When the process is complete, and the clipping is removed, the trace – materiality, history, and subjectivity – remains as a prosthesis of drawing as supplement” (*ibidem*, p. 283). Daqui resulta que a dimensão psicológica não pode ser de alguma forma separada da dimensão física, como defende Alphonso Lingis (2006): “The urge to create prostheses refers us to the most primal level of the formation of an organism, where we find a drive for bodily integrity, symmetry, equilibrium, and balance” (p. 83). O autor fundamenta a sua posição remontando aos primórdios da espécie humana:

From the beginnings, from the earliest rock carvings, we humans have been leaving things out in our pictures of each another (*ibidem*, p. 86). These moments of poetry are disconnected from the prosaic continuity of a life, cut off and cast off (...) But is it not by disconnecting, and letting go of the prosaic continuities, the cloying resentments, the practical worries, that we find segments of poetry in our lives? (*ibidem*, p. 88).

Por sua vez, autores como Marquard Smith (2006), realçam a dimensão estrutural envolvida nestes processos:

For me, something in the material and metaphorical articulations of the body and its prosthetic technologies is mirrored in the historical, theoretical, and morphological structures that we see unfolding in questions of fetishism and perversion and, as a consequence, questions of the emergence of sexuality and eroticism (p. 48).

Neste contexto, no ensejo para ultrapassar a estigmatização física ou a infelicidade psicológica, o indivíduo desenvolverá esforços visíveis que terão um impacto direto na arquitetura emocional interior invisível (Gilman, cit. in Smith, 2006). Com vista a este propósito, dá-se a potencialização da sinergia homem-máquina. Atualmente há toda uma indústria, nesta área, que está na moda e que explora o fetichismo sexual através do tecnofetichismo (Smith, 2006). No entanto, perante isto, coloca-se a possibilidade de estarmos perante celebrações de desumanização, como explora o seguinte exemplo:

She “twists” and “turns the wrong way” – which is to say way from her figuration as a perverse erotic fetishistic object and toward an almost desperate celebration of the relative failure of movement wherein her prosthetic legs are not a metaphor of lack but a metonymy of movement, a substitute for nothing, for the space between her self and the ground, that otherwise unbridgeable gap between immobility and touching the ground, undoubtedly an incitement to movement (Smith, 2006, pp. 66-67).

Nesta medida, como apontam Raiford Guins e Omayra Zaragoza Cruz (2006), a noção de deficiência no corpo é passível de uma discussão que chama a atenção para dimensões da sua relatividade e da sua construção social:

If disability, like race, is the result of historical processes rather than a quality of specific bodies, then a question forms:

what contributes to its creation? (...) ...the important and complex histories that have resulted in the archetypal normal person against which so many forms of embodiment are deemed deficient – if not functionally disabled in the environments they are pressed to inhabit (p. 227).

No mesmo diapasão alinha o autor David Serlin (2006), falando sobre questões de construção de corpo e de heterossexualidade masculina:

...the experience and representation of gender, race, and sexuality – area socially constructed and historical contingent as those of any other lived form of human experience (p. 158). (...) Scholars in disability studies and in queer studies acknowledge that concepts such as disability and queerness are far from being abstract social constructions and are in fact powerful critical lenses through which we can peer into the ideological mechanisms that produce meaning in a particular cultural moment (pp. 158-159).

Em suma, podemos verificar que, através do fenómeno da tecnocultura, tentam-se impor determinadas ideias de identidade, de corpo e de sexualidade, quando na verdade estes conceitos resultam de construções sociais que variam consoante a época e o espaço.

6. O IMPERATIVO DA SOCIEDADE MODERNA PARA A ESTANDARDIZAÇÃO E AS HIPÓTESES DE FUTURO QUE SE ABREM

Na sequência desta argumentação, Lev Manovich (2006) relaciona o avanço do uso das próteses com o imperativo da sociedade moderna para a standardização. Os sujeitos têm de ser standardizados e os meios pelos quais eles são standardizados têm de ser igualmente standardizados. Tanto o privado como o individual são traduzidos

para o público e ficam regulados. Neste campo, as tecnologias visuais também têm vindo a desempenhar um papel de relevo como próteses cognitivas: “The psychological laboratory became indistinguishable from the movie house, and the textbook of experimental psychology indistinguishable from the cinematographer’s manual. The mind was projected on the screen; the inside became the outside” (Manovich, 2006, p. 206). O filme, por exemplo, segundo algumas correntes ideológicas de inspiração marxista, tem vindo a servir para externalizar as funções da consciência: “Far from simply representing God or deities, as they did for centuries, here images serve a totally new function, which is to provoke and direct reasoning of a particular kind – «Marxist dialectics»” (*ibidem*, p. 208).

O que era privado torna-se público, o que era único torna-se produzido em massa, o que estava escondido na mente individual torna-se partilhado. Richard Mark Friedhoff e William Benson defendem, em relação às técnicas de visualização por computador, que estas constituem a segunda revolução do computador porque atuam como a extensão direta de processos visuais pré-conscientes. Neste sentido, num plano mais avançado, há quem advirta para a possibilidade de se desenvolver a comunicação pós-simbólica sem linguagem ou qualquer tipo de símbolos. Fechados na realidade virtual e sem acesso à linguagem iremos comunicar através de gestos, movimentos corporais e caretas tal como os nossos antepassados remotos faziam (Manovich, 2006). No entanto, observe-se que no desenvolvimento destes processos, o que deu à psicologia cognitiva a sua base epistemológica não foi a nova tecnologia por computador, mas a teoria da informação que a acompanhou:

Imagined rotations and physical transformations exhibit corresponding dynamic characteristics and are governed by the same laws of motion. Thus, a mental process was equated with an

operation that would be performed with real, objectively existing objects (*ibidem*, pp. 213-214).

Com efeito, há, inclusive, a possibilidade de estarmos a testemunhar agora o nascimento da neurotecnologia, ou seja, computadores completos que serão do tamanho de neurónios e que potencialmente um dia irão ser implantados sob o crânio ou em minúsculos circuitos de rede neural que se fundem com redes neurais reais. Devido às novas capacidades da nanoprecisão, poderemos ser no futuro *neuro-cyborgs* (Manovich, 2006). Segundo este autor, as prioridades da exploração científica ter-se-ão alterado: “The body and the outside universe have exchanged places; the new adventure is not to discover new lands or planets but to see and map the inside of the body” (*ibidem*, p. 216).

7. A EMANCIPAÇÃO DO REAL

Se abordamos conceitos como a desumanização e estandardização do humano, este tema não pode findar a sua discussão sem assumir uma questão essencial quando falamos da técnica e em especial da tecnocultura. Com o mecanismo protético, o corpo e a mente acabam por se transformar em algo diferente. A própria digitalização da imagem é algo que possibilita a emancipação do real. A tecnologia da síntese digital da imagem pode representar qualquer coisa imaginável sem necessariamente se referir à realidade que a precedeu e como tal sem respeitar as realidades culturais anteriormente presentes. Como resultado e por extensão, o efeito especial torna-se a regra em vez de ser a exceção da produção (Wills, 2006). “Within such a disjunctive coincidence, technology plays as language – as ancient and contemporary as any innovative memory machine” (*ibidem*, p. 256). Assim, a tecnologia depende da linguagem, em termos de discurso, tal como depende qualquer outra prática cultural. Como é incessantemente sublinhado, a coisa mais séria que pode acontecer é a tecnicização

da linguagem uma vez que implica a sua redução à informação. Neste âmbito, o conceito de linguagem como prótese tem o seu fundamento.

To call language “prosthetic” here does not just refer to the adoption by the human organism of the inorganic otherness language represents; nor does it simply involve an analogy between a word divided in itself and a body divided in itself. Prosthesis might borrow the figure of the body but does not originate in the body. It is rather that trace or *différance* – or in Stiegler’s terms, that technology that permits the idea of the body as “entity” capable of articulating with its “outside” to be constituted (Wills, 2006, pp. 258-259).

A estetização que a tecnocultura opera na criação de corpos políticos, técnicos e estéticos com ligações e desligações, como falava Bragança de Miranda (2002), encontra na linguagem, enquanto prótese, o seu *modus operandi*.

And if the articulations that are defined by prosthesis are repeated from relation to relation, that repetition and those relations are each time disjoined in their articulation by the “fundamental” sense of incongruity and irreconcilability without which prosthesis would have no sense, such that analogy comes irremediably undone (Wills, 2006, p. 259).

A uma velocidade incrível, a linguagem muda e inventa, tecnologizando.

This physical impossibility, an impossibility of physics, makes language at once the oldest and the newest – as if beyond the newest-technology (*ibidem*, p. 259). (...) the very essence of technology, where language and technology are encountered in

their essential fault and *faute d'essence*, a moment of newness and otherness that is the technelogism wherein it all began (*ibidem*, pp. 259-260).

8. O MÉTODO DA SINGULARIDADE E UM SEGUNDO PLANO DE DISCUSSÃO

Na abordagem a estas problemáticas, para Bragança de Miranda (2002), este tipo de fenómenos tem de ser analisado à luz de uma teoria da cultura que não seja uma disciplina em sentido restrito. É necessário um método de singularidade e não um método cartesiano. Um método que faça a ligação da cultura à modernidade e a reconstituição da unidade da experiência.

O pós-modernismo actual corresponde a uma aceitação a-problemática de algo que se mantém irresolvido, a construção de um espaço de tensão que seja capaz de conter a ruptura, a contradição, sem respostas ilusórias, implícitas na própria ideia de “modernidade” (*ibidem*, p. 64).

Com efeito, o pós-modernismo compatibiliza-se mesmo com o cenário de dispersão e de fragmentação cultural e identitária. Só o método da singularidade, ao fazer a reconstituição da unidade da experiência, poderá permitir vislumbrar a trama de forças que atua no seio da tecnocultura e distinguir como determinados elementos culturais se assumem como dominantes enquanto outros elementos culturais são ocultados e reprimidos. Assim, perante os conteúdos expostos neste trabalho, o fenómeno da tecnocultura não pode estar à parte da ética e da política na medida em que há que reconhecer limites perante a reversão e a instabilização que a técnica está a provocar nas categorias presença/ausência, perto/longe, real/irreal, imagem/objeto. Logo, um

método para a cultura tem de reconhecer a prioridade da experiência na sua incessante constituição.

É neste sentido que as articulações local/global se fazem nos fluxos contínuos de interdependências e conexões promovidas pela lógica hegemónica capitalista que liga tudo e todos em função da mercadoria e do consumo. Por outro lado, embora as questões desenvolvidas até aqui neste trabalho se devam colocar num primeiro plano de discussão, há um segundo plano de discussão que deve ser desenvolvido nesta sequência sob pena de tornar redutor o debate sobre a teoria da cultura. Como refere João Arriscado Nunes (1996), "...as fronteiras, divisões, separações e oposições não deixaram de existir, mas a sua defesa e preservação parece ter deixado de constituir o objectivo central das práticas culturais" (pp. 38-39). As novas tecnologias de informação e de comunicação, ao permitirem a constituição de seres híbridos, como os *cyborgs*, também criam novas utopias de transgressão, de movimento e de fluxo nomeadamente entre a realidade e as obras de arte (Nunes, 1996).

A questão que, naturalmente, fica de pé é a de saber até que ponto estes processos de transgressão e de hibridização não se confinarão às tecnologias de produção estética e às tecnologias materiais, mas se estenderão à dimensão institucional e às formas de poder e relações sociais que a configuram, de modo a permitir a emergência de formas institucionais diferentes e inovadoras, e a potenciar transformações nos mundos da cultura que reforcem o potencial emancipador dos objectos e práticas culturais (Nunes, 1996, pp. 61-62).

Para que isto aconteça há que operar uma reconfiguração nas relações sociais e de poder num sentido de uma maior simetria entre as diferentes forças culturais. Só assim as práticas culturais e as próprias estruturas sociais terão uma dimensão emancipadora que permita a

realização de ligações mais belas, mais justas e mais livres, no respeito pela diversidade cultural, o que não acontece necessariamente ou obrigatoriamente no quadro do atual fenómeno da tecnocultura.

REFLEXÕES FINAIS

Quando abordamos os fenómenos relacionados com a globalização atual há outro tipo de questões que se colocam para além das questões de justiça social e económica, embora surjam associadas a estas últimas questões. Por exemplo, não deve ser esquecida uma dimensão ligada à justiça cognitiva tendo por base o respeito pela diversidade cultural e identitária na formação do corpo e da sexualidade de cada um. Claro que a liberdade de escolha individual implica que o indivíduo possa tomar escolhas que se prendem com a formação do corpo e da sua própria sexualidade de acordo com os elementos culturais atualmente dominantes. Os *bodybuilders* e as sinergias homem-máquina, denominadas por *cyborgs*, podem ser opções legítimas nesta matéria. Na verdade, o tecnológico pode ser um instrumento de emancipação no quadro da reconfiguração das relações sociais e de poder. No entanto, este trabalho realça que no contexto da atual globalização há uma determinada hegemonia cultural que limita a liberdade de escolha, acabando por ocultar e reprimir as identidades culturais que podemos denominar como minoritárias ou periféricas. Os mecanismos de biopoder segundo os quais estes processos ocorrem, encontram fundamento na obra de autores como Michel Foucault (1993), embora tenham uma tradução própria na forma como se materializam na especificidade do nosso tempo. São processos que ocorrem como extensão e transformação dos processos que tiveram origem na instituição da sociedade burguesa, adquirindo, por isso, manifestações distintas de acordo com a atualidade.

É nesta linha de pensamento que se defende a reconfiguração das relações sociais e de poder de modo a que no seio da tecnocultura

ou da cultura digital haja a possibilidade de efetuar ligações mais livres, justas e até mais belas, o que não será necessariamente ou obrigatoriamente o caso das ligações que se operam na trama de forças do ciberespaço dos nossos dias. Nesta medida, é importante um método da singularidade que faça a reconstituição da unidade da experiência da modernidade e que permita distinguir como as relações de dominação cultural ocorrem com a tecnocultura. Perante a reversão e a instabilização que ocorrem nas categorias com que interpretamos e operamos a realidade, chega-nos a ser dada uma sensação de onnipresença ou até mesmo de onnipotência tal é a instantaneidade proporcionada pela experiência que nos é facultada pela cultura digital. No entanto, a malha do real que nos é fornecida resulta da construção dos poderes dominantes de modo a servir os seus propósitos. Se na formação dos corpos é imposta, pela tecnologia, uma determinada standardização estética, isso também implica uma celebração de desumanização atendendo à relatividade dos conceitos de género, raça ou deficiência. A política e a ética devem ser, assim, convocadas para este domínio de modo a reconhecer-se os limites à atuação dos diferentes poderes sob pena de se sacrificar a liberdade e a justiça nomeadamente em questões do foro cultural e identitário.

BIBLIOGRAFIA

- Foucault, M. (1993). *História da sexualidade* (vol. I) (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Grosz, E. (2006). Naked. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 187-202). Cambridge, MA: MIT Press.
- Guins, R. & Cruz, O. Z. (2006). Prosthetists at $33^{1/2}$. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 221-236). Cambridge, MA: MIT Press.
- Lingis, A. (2006). The physiology of art. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 73-89). Cambridge, MA: MIT Press.
- Manovich, L. (2006). Visual technologies as cognitive prostheses: a short history of the externalization of the mind. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 203-219). Cambridge, MA: MIT Press.

- Miranda, J. B. (2002). *Teoria da Cultura*. Lisboa: Século XXI.
- Morra, J. (2006). Drawing machine: working through the materiality of Rauschenberg's Dante and Derrida's Freud. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 265-287). Cambridge, MA: MIT Press.
- Nunes, J. A. (1996). Fronteiras, hibridismo e mediatização: os novos territórios da cultura. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, 35-71.
- Richmond, O. P. (2005). *The Transformation of Peace*. New York: Palgrave Macmillan.
- Serlin, D. (2006). Disability, Masculinity, and the Prosthetics of War, 1945 to 2005. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 155-183). Cambridge, MA: MIT Press.
- Smith, M. (2006). The vulnerable articulate: James Gillingham, Aimee Mullins, and Matthew Barney. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 43-72). Cambridge, MA: MIT Press.
- Stiglitz, J. E. (2002). *Globalização – A grande desilusão* (M. F. Duarte, Trad.). Lisboa: Terramar.
- _____. (2007). *Tornar eficaz a globalização* (L. Venturini, Trad.). Porto: Edições ASA.
- Wills, D. (2006). Technology or the discourse of speed. In M. Smith & J. Morra (Eds.), *The prosthetic impulse: from a posthuman present to a biocultural future* (pp. 237-263). Cambridge, MA: MIT Press.